

# Objetos recolhidos: uma poética da memória em interiores, de Patrick Bogner

**Tailze Melo\***

## **Resumo**

*A série de fotografias de Patrick Bogner, intitulada Interiores: ícones do cotidiano, é o objeto de análise deste artigo. Trata-se de um catálogo de objetos no qual a subjetividade humana aparece materializada em artefatos recolhidos nos interiores de casas brasileiras, localizadas no sertão dos Estados do Ceará, de Pernambuco e da Bahia. O viés analítico escolhido se concentra na relação entre memória e objeto, isto é, propõe-se investigar como objetos, como signos, respondem, nesse trabalho de Bogner, a um propósito de outra ordem, qual seja, tornar possível um registro da existência humana por meio desses elementos cotidianos.*

**Palavras-chave:** Objeto. Memória. Fotografia. Cotidiano.

\* Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas e graduada em Letras pela mesma instituição. Desenvolve estudos nas áreas de confluência entre Literatura e Comunicação Social. É professora da Faculdade Estácio de Sá de BH. Coordena, juntamente com Renata Alencar, o curso de pós-graduação lato sensu “Processos Criativos em Palavra e Imagem” no instituto de Educação Continuada da PUC Minas.



*“As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.”*

*Carlos Drummond de Andrade*

As fotografias da série *Interiores*, de Patrick Bogner, permitem uma singular experiência perceptiva. Mistério, recolhimento e solidão parecem emanar de um singular mobiliário sertanejo retratado na narrativa visual de Bogner. Trata-se de um catálogo de objetos no qual a subjetividade humana aparece materializada em artefatos recolhidos de modo quase litúrgico nos interiores de casas brasileiras, localizadas no sertão dos Estados do Ceará, de Pernambuco e da Bahia.

Bogner, nascido em Colmar, na Alsácia, em 1955, desenvolveu, a partir de 1987, vários trabalhos no Brasil. Com um olhar fortemente antropológico, viajou pelos vilarejos mais recônditos do Brasil. Dessas incursões, resultaram diversos ensaios fotográficos, dos quais podemos destacar: *Ticunas* (2000), *Candomblé* (2002), *O céu em cima do sertão* (2003), *Romeiros* (2000-2003), *Anjos* (2001-2002) e *Interiores* (2000-2004), série que hoje faz parte do acervo do Instituto Moreira Salles.

As narrativas visuais que compõem *Interiores: ícones do cotidiano*, objeto de análise deste artigo – foram produzidas no ateliê Fresson, utilizando, portanto, um procedimento fotográfico tradicional muito refinado, dificilmente obtido por meio de tecnologias industriais contemporâneas. Não importa aqui as questões técnicas referentes ao método Fresson, mas os elementos plásticos, contextuais e estéticos alcançados nas imagens da série que privilegia os objetos em detrimento das pessoas.

No entanto, os objetos cotidianos retratados na série permitem uma possível leitura da intimidade daqueles que os possuem, pois certas coisas tornam-se “biográficas” (BOSI, 1994) e, portanto, alcançam, ao adentrar na esfera da subjetividade, mais que uma ocupação física. Assim, objetos do cotidiano podem ser compreendidos à luz de um aspecto mnemônico, já que testemunham episódios importantes da dimensão humana.

Para analisar a relação entre memória e objeto no referido trabalho de Bogner, organizamos as imagens da série em dois grupos temáticos: utensílios e retratos/santos e pessoas.

### **Coisas humanas: utensílios e seus desusos**

A acepção dicionarizada da palavra utensílio destaca um objeto que tem utilidade, ou seja, tudo o que serve para nosso uso. Num primeiro momento, o verbo utilizar se conecta diretamente com o referido substantivo masculino.

Em *Interiores*, todavia, o valor funcional de objetos prosaicos do cotidiano cede espaço a uma função mnemônica. É por meio de painéis e copos de alumínio, cadeiras, pentes, bilhas, mesas e aparadores, envolvidos numa luz de penumbra, que a presença humana se manifesta. Como se enfatiza no prefácio do catálogo,

*na realidade, esta série Interiores – Ícones do cotidiano, é uma espécie de inventário humano que reproduz com fidelidade a relação de semelhança absoluta entre o objeto e sua imagem. Um mosaico de fragmentos cuja força está na relação que Bogner impõe ao seu trabalho, ou seja, o respeito à dignidade do outro e à intimidade indevassável, não fosse as suas fotografias. (CATÁLOGO DA MOSTRA, 2007)*

Podemos, pois, afirmar que a sintaxe fotográfica de Bogner afasta-se da referencialidade própria da linguagem fotográfica para dar lugar ao que é próprio do universo da fabulação. Sob esse prisma, há mesmo a predominância do sensório sobre o documental. Se num primeiro momento os objetos parecem denotar certa figuratividade própria do campo da fotografia, uma leitura mais sensível capta outras significações, questionamento sobre ao que, de fato, os signos de *Interiores* se reportam.

Na primeira imagem da série, surge um par de cadeiras num tom esmaecido de vermelho. Acima das cadeiras gêmeas, há duas fotos guarnecidas por molduras. A ambiência, de uma sombra porosa, sugere solidão. A atmosfera, de um agudo silêncio, instiga interpretações para além da funcionalidade daqueles objetos. O par de cadeiras não reproduz, assim, o mundo visível, ou seja, as cadeiras como utensílios, mas remete aos indícios de uma presença recriada por nossa imaginação.

Em outra fotografia, utensílios domésticos utilizados para forno e fogão, como painéis, bules, tabuleiros, tachos, todos de alumínio, são dispostos, com rigorosa simetria e senso estético, na parede de uma copa. O brilho dos objetos contrasta com a textura opaca das paredes gastas pelo tempo. Recriados pelo fotógrafo, tais utensílios são retirados de seu caráter funcional e ganham outros sentidos, outras formas de existência. Os objetos são narrativas que registram a memória de um microcosmo social que, a despeito da limitação econômica, revela um olhar apurado e sensível, do ponto de vista plástico. O mobiliário sertanejo é transformado, por um peculiar cromatismo, em linguagem artística nas fotografias de Bogner. Em tal perspectiva,

*[...] todos os objetos do mundo comum, ainda que permaneçam o que são quanto às suas aparências, podem ser re-situados de repente em*

*uma outra relação na esfera da sensibilidade de quem os captura, adquirindo um outro tipo de valor. (MACIEL, 2004, p. 103)*

Nesse sentido, painéis e outros artefatos, na poética visual de Bogner, não perdem sua forma mais tangível, isto é, sua referencialidade mais imediata. No entanto, esses objetos como signos, respondem a um propósito de outra ordem, qual seja: tornar possível que o objeto seja um registro da existência humana. De fato, ao observarmos o grande “painel” de utensílios sobre a parede, não o associamos às suas finalidades práticas, mas somos levados a imaginar as singularidades de quem, após uma refeição, passou horas a fio polindo os materiais. É possível supor tratar-se de uma família numerosa, comandada por uma zelosa mãe... Será? Tudo fica mesmo no nível da sugestão, pois o que se representa está ausente da imagem capturada. São imagens do invisível: rastros e vestígios encarnados em objetos cotidianos.

Ecléa Bosi (1994) discute a função dos objetos de uso diário atribuindo centralidade à dimensão afetiva. A autora se vale da idéia de objetos biográficos, conforme denominação de Morini (1969, *apud* BOSI, 1994, p. 441):

*Quanto mais votados ao uso cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abranda.*

*São estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante. Cada um desses objetos representa uma experiência vivida.*

Os “objetos biográficos” se opõem, pois, aos chamados “objetos protocolares” cujo uso é provisório e podem ser encontrados nos pertences de muitas pessoas, já que são valorizados pela moda, e não pela relação particular que estabelecem com seu usuário.

Nessa mesma linha de raciocínio, Baudrillard (2000, p. 93-94) também destaca o valor afetivo das coisas, uma vez que objetos, para além de sua finalidade prática, servem para personificar as relações humanas:

*Admitamos que nossos objetos cotidianos sejam, com efeito, os objetos de uma paixão, a da propriedade privada, cujo investimento afetivo*

*não fica atrás em nada àquele das paixões humanas. [...] Os objetos nesse sentido são, fora da prática que deles temos, num dado momento, algo diverso, profundamente relacionado com o indivíduo, não unicamente um corpo material que resiste, mas uma cerca mental onde reino, algo de que sou o sentido, uma propriedade, uma paixão.*

Assim, os objetos retratados em *Interiores* em nada se relacionam com “objetos protocolares”, pois alcançam uma dimensão de “objeto paixão”, ou seja, para além de um fim utilitário, fixam-se como signos de uma espécie de memorial do homem sertanejo.

### **Afetos emoldurados: sobre pessoas e santos**

Baudrillard (2000, p. 21), sobre a análise da cotidianidade humana e sua relação com os objetos, aponta a relação entre o *modus vivendi* do habitante atual e seus objetos, já que para o autor “a configuração do mobiliário é uma imagem fiel das estruturas familiares e sociais de uma época”. No decorrer do texto, Baudrillard cita algumas características que demarcam um tipo de subjetividade doméstica típica do homem da sociedade tecnológica, dentre eles podemos destacar: ausência de paredes que faziam das casas refúgios, tendência a apagar focos luminosos, ausências de espelhos e retratos de família, desaparecimento do relógio de pêndulo. Tudo o que remete à origem das coisas tende a desaparecer:

*O projeto vivido de uma sociedade técnica é o questionamento da própria idéia de Gênese, é a omissão das origens, do sentido dado e das ‘essências’ cujos símbolos concretos foram os bons e velhos móveis: é uma cumpatuação e uma conceitualização práticas sobre a base de uma abstração total, a idéia de um produto não mais dado, mas produzido: dominado, manipulado, inventariado e controlado: adquirido (BAUDRILLARD, 2000, p. 34)*

Os recintos sertanejos retratados por Bogner em nada se parecem com essa configuração contemporânea de mobiliários, sobretudo na presença marcante de retratos de entes queridos e imagens de santos de devoção. Nas 49 imagens de interiores de casas brasileiras localizadas no sertão nordestino, predominam os retratos dos bem-amados, às vezes guarnecidos de molduras e porta-retratos, às vezes apenas apoiados em algum suporte. Em uma das fotografias surge um painel fotográfico com imagens de várias gerações da família.

Mais uma vez, há que se destacar a rigorosa simetria e sensibilidade artística presente na organização visual do painel que, fixado em uma parede verde, garante um contraste desejado, por exemplo, nos trabalhos no campo do *design*. No entanto, na sintaxe visual de Bogner, os retratos não fortalecem a presença humana nos recintos retratados, mas acentuam o tom fantasmagórico e onírico presente nos cômodos. Nesse sentido, os retratos, como signos, são como os outros utensílios: apontam apenas para um vestígio do humano, para uma ausência, atualizada por um objeto cuja função é preservar uma memória, um testemunho, uma narrativa.

A presença de altares suspensos em paredes, ou acomodados em algum aparador, compõe um singelo repertório de objetos sagrados. A ambiência sugere recolhimento e um particular senso de religiosidade do homem sertanejo, tão adequada à produção fotográfica ritualística de Bogner.

Assim, em *Interiores*, o que está representado, seja painelas, seja altares ou retratos, não são os objetos em si, mas a presença humana, ausente numa referencialidade mais imediata, mas dominante no objeto-signo. Uma memória penetrada pela luminescência particular de um fotógrafo.

## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BOGNER, Patrick. *Interiores*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- INTERIORES: ÍCONES DO COTIDIANO. Catálogo da Mostra, 2007.
- MACIEL, Maria Esther. *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas*.

